

Experiências de leitura compartilhada como prática de liberdade cultural em territórios populares

Shared reading experiences as a practice of cultural freedom in popular territories

Experiencias de lectura compartida como práctica de libertad cultural en territorios populares

Renata Toigo*

Resumo: Entendendo leitura e a escrita como direitos humanos essenciais para a conscientização e o fortalecimento dos sujeitos, o presente texto pretende trazer experiências de leitura compartilhada dos Clubes de Leitura desenvolvidos em territórios populares, as bibliotecas comunitárias do Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais - Cirandar. Trata-se de um projeto de leitura destinado a adolescentes empobrecidos de territórios populares em Porto Alegre. Estudiosos como Freire (1989), Petit (2009, 2013), Colomer (2005) nos ajudam a confirmar o papel preponderante da leitura e da escrita na formação social e política desse público. As iniciativas dos Clubes de Leitura, desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias, espaços de educação popular, a partir dos princípios de Paulo Freire, contribuem para a emancipação dos sujeitos que atravessam suas portas, não somente porque concedem o acesso ao saber, mas porque permitem a apropriação de bens culturais que auxiliam na construção de si mesmos e na abertura para o outro. Dessa forma, a leitura da literatura como prática de liberdade cultural, promovida em espaços populares e atendendo os que são deixados às margens da sociedade, é compreendida não como forma de resolver todos os problemas, mas como forma de fortalecimento para enfrentar a luta pelos seus direitos.

Palavras-chave: Leitura Compartilhada, Clubes de Leitura, Liberdade Cultural.

Abstract: Understanding reading and writing as essential human rights for the awareness and strengthening of subjects, this text intends to bring shared reading experiences from Reading Clubs developed in popular territories, the community libraries of the Center for Integration of Social Networks and Local Cultures - Sift. A reading project aimed at impoverished teenagers from popular territories in Porto Alegre. Scholars such as Freire (1989), Petit (2009, 2013), Colomer (2005) help us to confirm the predominant role of reading and writing in the social and political formation of this public. The initiatives of Reading Clubs, developed in community libraries, spaces of popular education, based on the principles of Paulo Freire, contribute to the emancipation of the subjects who pass through their doors, not only because they grant access to knowledge, but because they

*Doutoranda em Letras - Teoria da Literatura - Programa de Pós-Graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. E-mail: renata.toigo@edu.pucrs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5521015556860353>.

allow appropriation cultural assets that help in building themselves and opening up to the other. Thus, reading the literature considered a practice of cultural freedom, promoted in popular spaces and serving those left on the margins of society, not as a way to solve all problems, but as a way of strengthening to face the struggle for their rights.

Keywords: Shared Reading, Reading Clubs, Cultural Freedom.

Aprender a ler e a escrever são mecanismos básicos em uma sociedade letrada. Mas sabemos que ler não é simplesmente decodificar palavras e frases. Ler, segundo Freire (1989), não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, ou seja, interferir no mundo pela ação. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade, de consciência. Dessa forma, o letramento não é uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade, uma conexão entre texto, contexto e intertexto.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9).

Falar de alfabetização e letramento fora dos espaços escolares, ou seja, nos territórios populares, é falar, entre muitos outros, do problema da leitura e da escrita. “Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, prévia e concomitante àquela, a leitura da realidade mesma” (FREIRE, 1989, p. 15).

Partindo desse pressuposto freireano, é preciso afinar o olhar e entender de que forma nos territórios populares e empobrecidos emergem espaços que promovem a leitura de mundo conectada com a leitura da palavra. Nesse caminho, encontramos as bibliotecas populares, mais conhecidas no Brasi como bibliotecas comunitárias, por estarem localizadas nos seios das comunidades de periferia. A pesquisa “Bibliotecas Comunitárias

no Brasil: impactos na formação de leitores”¹ trouxe dados significativos para entender o papel social desses espaços alternativos de educação popular. O estudo mostrou que 86,7% dessa modalidade de biblioteca estão localizadas em zonas periféricas dos grandes centros urbanos. Essas regiões são caracterizadas por altos índices de empobrecimento, dificuldade de acesso a bens culturais e serviços públicos, violências, espaços de conflitos do tráfico de drogas, mas também são espaços de muitos saberes locais e culturais, muitas vezes não valorizados.

Silvia Castrillón tem dedicado seus estudos às bibliotecas na Colômbia, país conhecido por desenvolver programas de bibliotecas populares eficientes que democratizam o acesso à cultura. Ela destaca, no prefácio do livro *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*, que o objetivo de democratizar o acesso aos bens culturais como a leitura e a escrita passa pelas bibliotecas comunitárias, de modo imprescindível, pois

nelas está a semente da apropriação social dessas ferramentas do pensamento e da ação. Atrevo-me a afirmar que não existe instituição mais adequada para uma apropriação real da cultura escrita por parte das populações tradicionalmente excluídas, não só desta cultura, senão da maioria dos bens materiais e culturais a que poucos têm acesso. A exclusão começa por gerar nas populações excluídas a ideia de que alguns bens culturais não lhes pertencem, que não são necessários para elas, que são supérfluos e que somente poucos têm direito a eles. O que termina por gerar um convencimento de que ler e escrever não faz sentido para elas e, portanto, não são objetos de interesse, de desejo. Quando a iniciativa parte das próprias comunidades é porque elas rompem com estes pressupostos, porque pressentem que foram excluídas de algo importante e que devem buscar formas de entrar por essa porta que lhes foi fechada. (CASTRILLÓN *apud* FERNANDEZ, et al, 2018, p. 6).

Dessa forma, nesses espaços populares, criados a partir do desejo das próprias comunidades, organizam-se novas possibilidades para todos que habitam os territórios, das crianças aos idosos, “que até então não haviam imaginado que a leitura e a escrita lhes pudessem permitir compreender, entender, pensar, atuar, imaginar mundos possíveis

¹ O estudo foi coordenado pelo Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas do Brasil da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); pelo Centro de Estudos de Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, pelo Centro de Cultura Luiz Freire (PE). Os resultados da pesquisa estão disponíveis em formato de *e-book*, disponível em: <https://bit.ly/2WXn5YA>. Acesso em: 26 jul. 2020.

e criar novas formas de habitá-los. (CASTRILLÓN *apud* FERNANDEZ, et al, 2018, p. 6). Nesses espaços democráticos, onde a leitura da literatura permeia desejos de liberdade cultural, encontramos um coletivo que busca por um lugar comum, que luta pelo reconhecimento e respeito à pluralidade, através da discussão coletiva e do debate aberto, da pluralidade de opiniões e informação ampliada.

As bibliotecas comunitárias, de um modo geral, são semelhantes às bibliotecas públicas, pois oferecem os mesmos serviços. Tanto uma quanto outra cumprem com “uma função formadora e educadora e pretendem ser um instrumento de transformação social.” (MACHADO, 2008, p. 63). Os dois modelos lutam contra a homogeneização cultural. Elisa Machado em sua pesquisa de doutorado intitulada *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*, destaca as bibliotecas comunitárias como

um processo social que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas com um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p. 64).

Nessa mesma perspectiva de Machado (2008), a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)² destaca que esses espaços de leitura surgem por iniciativa das comunidades e são protagonizados por elas, ou, embora não tenham sido iniciativas das próprias comunidades, se voltam para atendê-las e as incluem nos processos de planejamento, gestão, monitoramento e avaliação.

Experiências que se passam nessas organizações são práticas de educação não formal e “se desenvolvem usualmente extramuros escolares.” (GOHN, 2009, p. 31). De acordo com a estudiosa, a educação não formal está associada à ideia de cultura e coletividade, é menos burocrática, pois a categoria tempo da aprendizagem é flexível, visto que respeita as diferenças biológicas, culturais e históricas.

Logo, os espaços pautados na educação popular, a partir dos princípios de Paulo Freire, são territórios da educação não formal. Importante observar que a educação não formal “não substitui a escola, não é mero coadjuvante para simplesmente ocupar os alunos fora do período escolar” (GOHN, 2009, p. 42), mas tem seu próprio espaço e

² Fonte: <https://rnbc.org.br/a-rnbc/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

tempo para formar cidadãos para o mundo da vida, em qualquer idade, etnia, sexo, nacionalidade, classe social e crença. A partir da educação popular, potencializa os processos de ensino/aprendizagem, complementando-os com outras dimensões que não têm lugar nas estruturas curriculares tradicionais.

Os espaços populares de leitura são considerados objetos de investimento e responsabilidade social, uma vez que é muito difícil mantê-los sem o apoio de organizações ou programas parceiros. No Brasil, esse movimento de implementação de novos espaços, a partir do desejo das próprias comunidades, é apoiado inicialmente, em 2006, pelo Programa Prazer em Ler do Instituto C&A³. Nesse caminho, são encontrados outros programas como “Ler é preciso” do Instituto Ecofuturo⁴ e o Programa Expedição da Associação Vaga Lume⁵. Vale destacar que cada movimento contém concepções diferentes de biblioteca comunitária, mas todos têm em comum o desejo da promoção da leitura em espaços marginalizados, territórios marcados pela dificuldade de acesso a bens culturais.

Por conseguinte, nas tendências sociais contemporâneas, as práticas estão sendo incorporadas pela sociedade civil como forma de responsabilidade social. Nesse cenário, encontramos muitas associações, fundações, Organizações não governamentais (ONGs) e Organizações da Sociedade Civil (OSCs) protagonizando projetos direcionados às comunidades, que visam ao envolvimento da sociedade em diferentes esferas para a promoção e valorização das culturas locais, com ações de formação de mediadores de leitura e de leitores, criação de espaços de leitura, realização de atividades artísticas, programas de direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais.

É nessa conjuntura que identificamos o Centro de Integração de Redes Sociais e Culturas Locais - Cirandar⁶: uma Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, que dialoga e repensa alternativas para a educação, a transformação e a inclusão dos sujeitos culturais, comunicativos e criativos. A organização, criada em 2008, surge com

³ O Programa Prazer em Ler teve início em 2006 e foi mantido e desenvolvido pelo Instituto C&A até o ano de 2018. A partir do ano de 2019 o programa foi continuado pela Fundação Itaú Social.

⁴ Mais informações sobre os projetos da Ecofuturo podem ser encontradas em: <http://www.ecofuturo.org.br/>.

⁵ Mais informações sobre os projetos da Associação Vaga Lume podem ser encontradas em: <https://vagalume.org.br/>.

⁶ Mais informações sobre o Cirandar podem ser encontradas em: <http://www.cirandar.org.br/>.

a proposta de desafiar, fortalecer e mobilizar as redes sociais em prol do saber e da cultura. Os programas e projetos de intervenção são guiados pela educação popular como ferramenta de transformação social, e se propõem a apoiar, incentivar e criar redes de ações comunitárias e práticas sustentáveis, fomentando alianças de fortalecimento da cidadania.

O Cirandar, com doze anos de atuação, foi reconhecido e premiado diversas vezes pelas ações culturais desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias. Estabeleceu parcerias para o fortalecimento dos espaços de leitura, atuou como gestor do Redes de Leitura⁷, envolvendo mais de 15 entidades sociais e escreveu uma linda história com a missão de fortalecer redes de culturas gaúchas visando o empoderamento comunitário através da democratização do acesso à Educação e à Cultura. Com a visão de almejar uma sociedade que reconheça e valorize a diversidade cultural e atue em prol da justiça social, a instituição procura valorizar a gratidão e a humildade, a transparência e a ética, a alteridade e a amorosidade, a emancipação, a autonomia e a resistência, a curiosidade, a conscientização e a alegria.

Atualmente, a instituição desenvolve quatro diferentes linhas de ação: (i) democratização do acesso ao livro e à literatura; (ii) formações, cursos e educação popular; (iii) fomento à arte e cultura; (iv) fortalecimento de redes e organizações. Na primeira linha de ação, atua com a preocupação de que as bibliotecas comunitárias e demais espaços de leitura sejam um verdadeiro potencializador da vida intelectual, afetiva e social das comunidades, e vê a leitura como direito humano essencial para a conscientização e fortalecimento dos sujeitos.

Entendendo a literatura como direito humano essencial, o Cirandar, como gestor de bibliotecas e espaços de leitura, está sempre atento para pensar um acervo que possa identificar-se com o público real e potencial que frequenta os espaços. O acervo é pensado em vista à diversidade cultural, proporcionando aos leitores o contato com as diferentes expressões de gêneros, temáticas e autores, uma prática para a liberdade cultural.

Escolher colocar no caminho de cada leitor obras significativas reflete a preocupação com a ordem do humano e não com números de livros que compõem os acervos. O conceito da instituição, sobre a composição de acervo, está alinhado com o

⁷O Redes de Leitura passou por uma reconfiguração e hoje é conhecido como Beabáh! Mais informações podem ser encontradas em: <https://rnbc.org.br/redes/beabah-rs/>.

pressuposto de Silvia Castrillón (2011). Segundo a estudiosa, as bibliotecas deveriam ser planejadas juntamente com a comunidade, para ser possível constituir um acervo que propicie a leitura como meio de inclusão e não como ferramenta de exclusão de leitores, por não se identificarem com as obras disponíveis no acervo. Segundo a estudiosa, precisamos de espaços de leitura que

fomentem o interesse e gosto pela leitura, que permitam a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro. Bibliotecas onde a leitura não seja concebida como uma forma de passar o tempo, de se divertir, mas como algo imprescindível para um projeto de vida que pretenda superar a sobrevivência cotidiana. (CASTRILLÓN, 2011, p. 38).

Além da preocupação com a composição do acervo, para que o espaço de leitura cumpra com seu papel de formação de leitores⁸, faz-se necessário atentar à concepção do espaço físico das bibliotecas. Para desenvolver experiências de leitura compartilhada, não precisa de grandes espaços físicos, “bastam um tapete e alguns cestos de livros escolhidos com cuidado. O essencial da biblioteca está aí.” (PATTE, 2012, p. 103). As iniciativas das bibliotecas comunitárias têm a consciência de uma

falta que deve ser reparada. Elas têm o desejo de dividir um tesouro que não pode ficar reservado apenas para alguns. Elas sabem que a leitura, na medida em que abre caminhos, ajuda a lutar contra os determinismos e a lançar um olhar novo sobre a vida e os mundos próximos e distantes. A biblioteca é, portanto, necessária, lá onde a vida é particularmente difícil, às vezes mesmo alienante. É inútil esperar grandes recursos para começar. É preciso pôr mãos à obra sem demora e ir juntar-se às pessoas lá onde elas vivem, para que os livros se encontrem ao alcance das mãos, no coração da realidade de suas vidas. Essa proximidade é essencial. (PATTE, 2012, p. 104).

É justamente nessa perspectiva que identificamos as bibliotecas comunitárias do Cirandar. São pequenos espaços portadores de esperança com o desejo de alcançar as margens, localizados em territórios empobrecidos de periferias do município de Porto

⁸ A formação leitora nas bibliotecas comunitárias do Cirandar foi tema central da dissertação de mestrado de Renata Toigo, orientada pela professora Dr^a Regina Kohlrausch. De modo que este texto traz alguns recortes de temas da pesquisa. Um estudo completo, sobre a formação leitora nas bibliotecas comunitárias do Cirandar, pode ser encontrado em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8460>. Acesso em: 20 maio 2020.

Alegre. Apesar do pequeno tamanho⁹, possuem a maior parte das características essenciais de uma grande biblioteca: o espaço é convidativo, possuem livros escolhidos com cuidado, tem a presença de um mediador que lhes dá vida, a liberdade oferecida às crianças permite que elas sintam o espaço como uma extensão de suas casas. O espaço se torna como uma segunda casa, pois eles fortes se constituem nas cirandas da leitura.

As bibliotecas comunitárias, juntamente com os mediadores de leitura e os projetos de formação leitora, oferecem “um espaço real e metafórico onde a pessoa se sente suficientemente protegida para poder ir e vir livremente, sem perigo, para se abandonar à fantasia e ter a mente em outro lugar.” (PETIT, 2013, p. 69). Os espaços populares de leitura contribuem para a emancipação dos sujeitos que atravessam suas portas, não somente porque concedem o acesso ao saber, mas porque permitem a apropriação de bens culturais que auxiliam na construção de si mesmos e na abertura para o outro. As bibliotecas do Cirandar são espaços onde as crianças podem desenhar seus contornos, começar a traçar seus caminhos, se desprender do discurso dos outros e das determinações sociais impostas.

As ações desenvolvidas pelo terceiro setor, como nessa concepção do Cirandar, trazem a necessidade de atuar em rede para sair do isolamento local, assim como dar visibilidade ao trabalho realizado. Dessa maneira, de acordo com Gohn (2009), faz-se necessário estabelecer parcerias com associações de moradores, com escolas do território, com movimentos sociais e populares, enfim, com todos os grupos organizados e com todos aqueles que lutam por direitos sociais em nosso país, a fim de superar o desafio de incluir os excluídos em processos emancipatórios. Trabalhos isolados levam “somente ao estrelismo, ao glamour, merchandising e mercantilização onde o que se busca é agregar valor a uma marca, produto ou pessoa” (GOHN, 2009, p. 41).

Seguindo a visão de Gohn (2009), o Cirandar desenvolve ações em parceria com instituições de base comunitária nos territórios onde atua. As ações de leitura protagonizadas nas bibliotecas abrem as portas às escolas públicas locais, aos Centros de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, às Unidades Básicas de Saúde, às Associações de Moradores e outros serviços de atendimento do território, a fim de

⁹ Detalhes sobre o espaço físico das bibliotecas do Cirandar podem ser encontrados no site institucional: <http://www.cirandar.org.br/democratizacao/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

fortalecerem as ações em rede, fomentando o desejo de ler para além do espaço físico da biblioteca.

As bibliotecas funcionam como verdadeiros centros culturais, desenvolvem diversas atividades artísticas a partir da literatura, momentos protagonizados pelos mediadores, chamados pelo Cirandar de educadores sociais. O Cirandar entende mediador e educador social como sinônimos, mas é preciso observar que o Educador Social exerce um papel muito além de um mediador.

De acordo com Gohn (2009), em uma perspectiva comunitária o educador aprende e ensina numa via de mão dupla e o diálogo é o meio de comunicação. Ele ajuda a construir, no território onde atua, com sua ação, espaços de cidadania que representam uma alternativa aos meios tradicionais de informação. Dessa forma, atua “nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo que se incorpora.” (GOHN, 2009, p. 34). Importante salientar que o Cirandar seleciona educadores que tenham esse perfil social destacado pela estudiosa e os mantém financeiramente com recursos provenientes de editais e projetos contemplados. Como instituição formadora, o Cirandar está sempre atento à formação continuada de sua equipe, promovendo, dessa forma, encontros e cursos para o aperfeiçoamento profissional, pautados na educação popular.

Gostaríamos de destacar, dentre tantas iniciativas da instituição, o Projeto Clubes de Leitura, pensado para reunir adolescentes em torno das mesmas leituras literárias. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹⁰ apresenta déficits de leitura da população brasileira. Dados do estudo relacionam este cenário à precarização das bibliotecas escolares, à ausência de livros no ambiente doméstico, assim como à escassez da prática de leitura de pais para filhos, e, esse índice, decai significativamente na adolescência. Outro aspecto que desperta atenção na pesquisa é que a escola estimula atividades de leitura na educação infantil. Depois dessa fase, a escola se preocupa pouquíssimo em propor atividades de leitura prazerosas e elas deixam de fazer parte da rotina escolar. Inicia-se uma relação de obrigatoriedade com a leitura – o que afasta a possibilidade da

¹⁰ A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil conta com 4 edições e publicação em livro: FAILLA, Zoara (Org.). Retratos da leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2BBEuyy>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

formação de leitores assíduos, visto que o prazer em ler está intimamente ligado à importância que os sujeitos conferem aos livros em suas rotinas. Os resultados desse cenário repercutem, especialmente, nas populações empobrecidas.

A realidade social das comunidades onde estão instaladas as Bibliotecas Comunitárias gerenciadas pelo Cirandar reflete um conjunto de iniquidades sociais. As dificuldades de acesso à educação, a baixa renda das famílias, assim como o crescimento da violência e do domínio de facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas e armas tem significativo impacto na vida dos adolescentes. Contudo, também vale destacar que são locais com muitos saberes culturais e populares, onde as bibliotecas comunitárias são espaços onde o direito à leitura e à literatura é de fato garantido.

Nesses territórios, são cotidianos os desafios para envolver os adolescentes em projetos culturais e educativos. Os diálogos com as redes de proteção alertam para a emergência de ações efetivas neste campo. Escolas e outros projetos sociais relatam a potência criativa dos adolescentes, contudo, atuam com escassez de recursos.

Neste sentido, o referido projeto reforça um conjunto de medidas necessárias à reversão deste cenário, compondo com as redes locais para a promoção de ações que fortaleçam o protagonismo e autonomia dos adolescentes da periferia. Ao encontro da missão do Cirandar, a iniciativa contribui para a melhora dos indicadores de leitura, escrita e de acesso ao livro junto ao público, investindo na formação de leitores.

A iniciativa tece redes de afetos e partilhas entre leitores, tendo o gosto pela leitura como fio condutor. Inspirado na ideia de que é preciso fomentar espaços onde os adolescentes possam descobrir nos livros uma ferramenta para ampliar sua capacidade crítica e reflexiva, não apenas sobre o texto lido, mas, sobretudo, sobre questões que atravessam suas vivências. Nestes espaços, as dinâmicas de trabalho favorecem que os adolescentes expressem suas opiniões, explorem gêneros literários e conheçam novos autores, ilustradores e obras literárias.

Os grupos são formatados considerando adolescentes de idades próximas, entre 12 e 18 anos, organizados em grupos de até 10 participantes. Esse arranjo favorece o diálogo e a identificação entre os participantes. Os grupos contam com um mediador, papel exercido pelo Educador Social, que atua nas Bibliotecas Comunitárias do Cirandar. Todas as atividades são planejadas considerando as especificidades de cada contexto e contam com o suporte técnico da equipe do Cirandar.

O projeto oportuniza aos participantes a escolha das leituras que, com a mediação de um Educador Social, analisam a obra, seu contexto, a biografia e bibliografia do escritor, entre outros aspectos. São encontros entre grupos de adolescentes em que, além de explorar curiosidades sobre os livros, os participantes exercem o diálogo democrático. Promover o gosto pela leitura e a formação de leitores adolescentes exige estratégias diferenciadas. Os encontros apostam na potência pedagógica contida na oportunidade dos adolescentes compartilharem textos e livros de seu interesse, conduzindo outros leitores a adotá-los.

A iniciativa também propõe o contato com uma diversidade de gêneros textuais - estratégia eficaz em projetos de leitura voltados ao público adolescente. Entrevistas, reportagens, relatos de viagens, diários, cartas e charges são opções que favorecem a construção do gosto pela leitura e a intimidade com o texto escrito. Uma tática que culmina no encontro com textos literários, como poemas, contos e crônicas – principal intenção do projeto.

Importante destacar que a escolha dos textos e de todo o acervo literário conta com a curadoria de escritores, ilustradores e integrantes do Cirandar com apurada experiência na área. Entre as atividades previstas, está o encontro com os adolescentes para também mapear seus interesses, possibilitando ao projeto um diálogo sensível e focado em cada contexto.

É preciso considerar que a leitura favorece a compreensão do mundo, sendo essencial para a construção dos sujeitos. “Ler é, em última instância, não só uma tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 1987, p. 45). Nesta perspectiva, o Cirandar acredita que oportunizar o acesso ao livro e à leitura não significa apenas manter uma biblioteca à disposição dos adolescentes – é preciso ressignificar este espaço para que ele seja capaz de acolhê-los, despertando-lhes o interesse pela leitura e ampliando sua autonomia e capacidade de inserção social.

Olhando mais a fundo o projeto, também o encontramos alinhado à concepção freireana, em que o estudioso defende que a leitura é uma interpretação do mundo em que vivemos, mas que não é só ler, é preciso também representá-lo pela linguagem escrita. Da mesma forma que Freire, Silvia Castrillón também reitera a leitura e a escrita como

direitos humanos fundamentais para a transformação social. Corroborando com a crença dos estudiosos, a iniciativa contempla encontros com escritores e ateliês de escrita, atividades que fortalecem o letramento, permitem uma relação dinâmica, a linguagem e a realidade imbricadas em uma conexão de promoção da leitura, mas também da escrita.

Por conseguinte, as leituras compartilhadas pelos adolescentes nas cirandas de leitura oportunizam discutir sentidos, interpretações e análises, pois os textos literários são os mesmos, mas os sentidos a eles atribuídos são diferentes para cada leitor. As conversas compartilhadas em torno do texto, intertexto e contexto tornam-se a base do fortalecimento dos sujeitos sociais e políticos. “Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade” (CHARTIER, 1999, p. 91-92).

Colomer (2005) acrescenta que a leitura compartilhada é um processo de aprendizagem social e afetivo e base para a formação de leitores. Para a estudiosa, o ato de compartilhar as leituras das obras com um grupo afetivo, possibilita apropriar-se da habilidade dos outros a fim de construir sentido para sua própria leitura. Esse é o papel socializador da leitura, pois permite que cada leitor se sinta parte de uma determinada comunidade com suas características, referências e cumplicidades.

Essa leitura compartilhada parece tecer um papel fundamental para promover o partilhar, o construir e reconstruir sentidos. Nos territórios empobrecidos, caracterizados por contextos de vulnerabilidade social, com escolas precárias, violências domésticas, entre outros estigmas que dominam o cenário, a leitura, segundo Petit (2009), contribui na reconstrução de si mesmo, é a leitura da literatura quem é melhor capaz de explorar a experiência humana.

Em situações de crise, a leitura é, dessa forma, uma via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético entre a sua mãe e ela, “trabalha” por meio do jogo da separação, se reestabelece, e se emancipa. E isso em todas as idades (...). As obras literárias esbanjam paisagens sem conta, incitando cada um a compor sua própria geografia. Contos, lendas, livros ilustrados, romances oferecem uma topografia, balizam o espaço, abrem-no para o exterior. (PETIT, 2009, p. 93-94).

Os Clubes de Leitura, com a presença afetiva dos mediadores de leitura, têm a grande função de auxiliar na compreensão da literatura como instrumento de

transformação social. A literatura faz com que aquele que vive em uma situação adversa tenha possibilidade de ver o mundo de outra maneira, são necessárias as representações simbólicas para levar a vida adiante, “não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior.” (PETIT, 2009, p. 115). A autora defende a ideia de que, por meio da leitura, a interioridade do ser humano é modificada, permite que o leitor que vive em espaços de crise possa recuperar sua continuidade:

A leitura não é suficiente para fornecer tais representações e para restabelecer os que viveram dramas ou as inúmeras separações que são comuns da vida. São necessários vínculos sociais, amor amizade, projetos divididos, às vezes outras práticas culturais (...) uma intersubjetividade com profissionais da escuta. (PETIT, 2009, p. 115).

Em espaços em crise não adianta termos somente o ambiente físico, a biblioteca, bem como o suporte físico, o livro. É preciso mediar o caminho entre o real e o imaginário, ou seja, é preciso a presença e escuta como ponto fundamental nessa prática exercida pelo mediador de leituras.

Neste sentido, as pesquisas, desenvolvidas por Colomer e Petit sobre práticas de leitura compartilhada com adolescentes apontam que os dados quantitativos também oferecem evidências nessa direção e demonstram o crescimento leitor desse público incorporado a projetos sociais de leitura. Por outro lado, a pesquisa qualitativa, a partir da lembrança de leitores adultos, confirma uma experiência comum: a da importância do contato com a leitura e da presença de mediadores nos desdobramentos a partir dos textos lidos. Dessa forma, encontramos no projeto do Cirandar uma prática promovida em espaços comunitários de periferias que abrem suas portas para a promoção, formação e emancipação leitora.

Importante a observar que, no próprio processo de formação leitora, a partir da leitura compartilhada, encontramos um papel fundamental para a emancipação leitora, um caminho para a autonomia da leitura individual. Esse processo de leitura compartilhada, essa leitura ouvida e discutida, não se torna ajuda porque o outro não esteja alfabetizado, mas porque lhe faltam elementos do conhecimento prévio para compreender o texto, contexto e intertexto. Para preencher os vazios de sentido, conforme

Iser (1996), e também porque é no coletivo que é provocado o seu desejo de dominá-lo, e, dessa forma, ajuda a conquistar melhores condições de ler só.

Por conseguinte, a leitura compartilhada parece ser a que promove uma leitura individual, que podemos definir como autônoma. Considerando leitura autônoma aquela realizada sem a necessidade de ajuda direta de um mediador ou do grupo a fim de que seja possível atribuir um sentido. Logo, essa leitura compartilhada, nessas cirandas de leitura, é uma prática cultural de liberdade, de promoção da autonomia, de emancipação social e política.

É provável que nem todos os adolescentes envolvidos nos encontros se tornem adultos leitores, mas é a leitura da literatura que, de alguma forma, permite “atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação.” (PETIT, 2009, p. 65). As experiências de leitura compartilhada nos encontros corroboram a tese de Petit (2009) de que a leitura da literatura é um meio de resistência às adversidades próprias aos tempos difíceis e aos espaços em crise.

Isso posto, não acreditamos que o projeto, com seus mediadores, ações de leitura e demais atividades culturais, resolva tudo, repare tudo. Esses adolescentes continuarão a enfrentar segregações sociais, xenofobia, misoginia, racismo e outras formas de preconceito. Entretanto, estarão um pouco melhor munidos para enfrentar tudo isso, estarão um pouco mais esperançosos na luta pelos seus direitos.

Portanto, os Clubes de Leitura do Cirandar são encontros de grande riqueza, em que a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajada, conectando as diferentes artes, ofertando àqueles que estão às margens de nossa sociedade a troca de experiências e reflexões, fazendo alcançar, sem descanso, a causa da leitura nas suas infinitas variedades, sem exclusividades.

Referências

- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo C. Corrêa de Moraes São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

- COLOMER, Teresa. **El espacio de la mediación cultural**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1 ed. 2005.
- FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester (Orgs). **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2WXn5YA>.
- GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão. In: **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. (Tese). São Paulo: USP, 2008.
- PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- SILVA, Ezequiel Teodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.